

# Narcisismo na comunidade científica: entrevista com Bruno Lemaitre

Narcisismo en la comunidad científica: entrevista con Bruno Lemaitre

Narcissism within the scientific community: interview with Bruno Lemaitre

[Kenier Castillo](#) 

Bruno Lemaitre (nascido a 21 de setembro de 1965 em Lille, França) é imunologista e professor da Escola Politécnica Federal de Lausanne (Suíça). A sua investigação centra-se nos mecanismos de imunidade inata e endossimbiose da *Drosophila*. Uma das suas descobertas iniciais demonstrou que a proteína recetora Toll e a sua via de sinalização a jusante são componentes essenciais da resposta imune da mosca da fruta (Lemaitre *et al.*, 1996). O Prémio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 2011 reconheceu os resultados obtidos em Lemaitre *et al.* 1996). Esse trabalho pioneiro em imunidade inata facilitou a identificação de recetores Toll como mediadores cruciais da imunidade inata humana. Bruno recebeu vários prémios de investigação como o Prémio Noury, Thorlet e Lazare da Academia Francesa de Ciências (2001), o Primeiro Prémio da Fundação Schlumberger (2002), o Prémio William B. Coley (2003), o Prémio Lucien Tartois da Fundação para a Investigação Médica (2006) e o Prémio Liliane Bettencourt de Ciências da Vida (2010). Lemaitre também é autor de vários livros sobre o tema desta entrevista e de um livro sobre a filosofia de Michael Polanyi (Lemaitre, 2022).

**Kenier Castillo (KC):** Como é que um cientista da sua categoria, descobridor do recetor Toll, acabou por se converter numa referência da ética no comportamento científico?

**Bruno Lemaitre (BL):** Não me considero uma referência de comportamento ético. Tendo participado numa descoberta que envolveu muitas figuras-chave, ganhei exposição à ciência de alto nível, interagindo de perto com um grupo seletivo de cientistas que moldaram a área. Essa foi uma experiência bastante rica para alguém como eu, que provavelmente era um pouco ingénuo no início. Deparar-me com as dimensões políticas e humanas da ciência foi revelador. A visibilidade que

acompanhou a descoberta de recetores Toll afetou-me pessoalmente, ao tornar-me mais sensível às tendências do narcisismo dentro da comunidade científica. Comecei a ler muito acerca de narcisismo, que se encontra muito bem descrito na literatura, particularmente por psicólogos de personalidade dos Estados Unidos. Apercebi-me de que a descrição de narcisismo, tal como o conceito de dominância em psicologia evolutiva, fornece informações valiosas acerca da comunidade científica e da nossa época atual. Tento partilhar tudo isso que aprendi no livro que escrevi acerca de narcisismo e ciência, agora disponível gratuitamente em PDF<sup>1</sup> (Lemaitre, 2020).

**KC:** Onde podemos encontrar as raízes do narcisismo?

**BL:** Os psicólogos clássicos, geralmente, remontam a origem do narcisismo aos encontros na primeira infância, identificando três causas distintas que levam a resultados variados. Por exemplo, o narcisismo vulnerável tem sido associado a trauma na infância, nomeadamente ao abandono na infância. Acredita-se que alguém que foi abandonado enquanto criança irá ansiar por reconhecimento durante o resto da sua vida. Além disso, o narcisismo é entendido como o resultado de um estilo parental específico que explora a criança para satisfazer as necessidades pessoais dos pais. Essa situação resulta em que a criança se esforce para atingir a imagem idealizada projetada pelos seus pais, mais tarde na vida. Finalmente, alguns vêem narcisismo como o resultado de mimar uma criança – receber demasiada admiração e esperar o mesmo dos outros mais tarde na vida. Esse último poderia explicar um aumento do narcisismo, uma vez que a posição das crianças mudou na sociedade. No entanto, como todos os traços de personalidade, o narcisismo provavelmente tem uma componente genética e é influenciado pelo ambiente. Alguns defendem que o aumento do narcisismo pode ser atribuído ao encorajamento de comportamentos narcisistas em plataformas como as redes sociais, onde esse tipo de comportamento já não é suprimido. O estilo de vida *rockstar* de perseguir esposas-troféu jovens e a procura constante de visibilidade podem ser mais aceitáveis na sociedade de hoje em dia.

**KC:** Quais são as principais formas de narcisismo?

**BL:** Os especialistas distinguem duas formas de narcisismo: grandioso e vulnerável. O narcisismo grandioso é o mais conhecido (como é o caso de Berlusconi ou Trump). É caracterizado por autoestima elevada, uma postura charmosa e comportamento dominante. Por outro lado, os narcisistas vulneráveis têm baixa autoestima e, como o nome indica, são muito sensíveis a críticas. Os narcisistas vulneráveis tendem a reagir excessivamente a críticas menores, e esse tipo de narcisismo pode estar relacionado, em casos extremos, a tendências para comportamentos violentos. Ambas as formas de narcisismo demonstram uma alta consideração pela percepção social de si próprios – os narcisistas grandiosos

1 <https://www.epflpress.org/produit/974/9782839918411/an-essay-on-science-and-narcissism>

esforçam-se por obter a admiração dos outros e os narcisistas vulneráveis por obter aceitação. No entanto, o narcisismo é um traço complexo que abrange tanto atributos positivos como liderança e criatividade, como atributos negativos como exploração e altivez. Embora o público geral maioritariamente entenda narcisismo apenas sob uma luz negativa, existe o conceito de narcisismo saudável.

**KC:** É possível identificar facilmente um narcisista no mundo académico? Quais são os fatores a procurar?

**BL:** Keith Campbell, um conhecido especialista em narcisismo, descreve o narcisismo de quatro formas:

1. Uma ênfase em que preocupações para benefício próprio (sobressair na comunidade) são mais importantes do que preocupações comunitárias (estar socialmente integrado);
2. Uma abordagem mais fortemente motivada por recompensas do que por punições (*approach orientation*);
3. Uma visão de si mesmo altiva e uma grande consideração de si próprio;
4. Um desejo geral de auto-estima.

Um narcisista é alguém que se destaca nas diversas facetas da autoestima. Logo, de acordo com essa definição, os narcisistas são pessoas que se esforçam para conseguirem sucesso e reconhecimento. Sendo mais fortemente atraídos pela recompensa, podem gastar muito dinheiro nos seus próprios projetos sem pensar demasiado acerca do custo para a comunidade. Como são altivos, crêem que são especiais e que merecem um tratamento específico sem necessitarem de seguir a regra geral. Têm tendência para exagerar conquistas pessoais e reivindicar o trabalho dos outros, exibindo comportamentos semelhantes ao viés da autoconveniência. Essa última característica é muito útil para impressionar a audiência, e publicar resultados, mas geralmente a “grande história” contada pelo narcisista acaba por ser exagerada, sem substância e pouco impressionante a longo prazo. O desejo forte de reconhecimento, aliado a uma alta autoestima, conduz os indivíduos a perseguir sucesso, glória e poder, com o objetivo de se apresentarem da maneira mais favorável e estimada. No meu livro, eu descrevo vários exemplos.

**Figura 1**  
Porque me vejo em todos os lados?



Fonte: Catarina Sobral©.<sup>2</sup>

**KC:** O mundo académico é mais suscetível a conter personalidades de alto ego?

**BL:** Poderíamos pensar que os cientistas são uma raça específica de pessoas, que apenas trabalham para o bem maior da humanidade, na eterna busca da verdade, mas a realidade é diferente. A paixão, um elemento chave na ciência, não é apenas guiada pelo desejo de conhecimento, mas também pela fome de poder e reconhecimento. Embora possam não se aperceber disso, os cientistas adquiriram uma posição prestigiosa na nossa sociedade, uma posição de poder que possivelmente atrai indivíduos dúbios, guiados pelo seu desejo de reconhecimento. Contudo, os cientistas encontram limitações (como restrições em trabalho experimental e a necessidade de rigor) que inibem frequentemente a expressão de traços narcisistas. No geral, o narcisismo é provavelmente menos prevalente na ciência do que em outras áreas como artes, política, e o mundo de *Hollywood*. Não devemos esquecer-nos de que, uma vez que os narcisistas são frequentemente

<sup>2</sup> Ilustrações especialmente desenhadas para acompanhar esta entrevista. Catarina Sobral é uma autora e ilustradora portuguesa, ganhadora do Prémio Internacional de Ilustração da Feira do Livro de Bolonha de 2014.

muito visíveis, podemos tender para exagerar o seu número ao esquecermo-nos de muitos outros cientistas razoáveis que contribuem para a ciência.

**KC:** Quão importante é a socialização no mundo acadêmico?

**BL:** O aspeto social da ciência é chave e, como Mickael Polanyi reconheceu, a ciência necessita de autoridade. Essa autoridade não é monolítica, mas está dispersa no mundo académico, posições de ensino, editores de revistas e sociedades científicas. Existem sistemas e comunidades que regulam muito bem a ciência na maioria do tempo, prevenindo o surgimento de charlatões. Contudo, é mais difícil de gerir situações em que um tópico científico cai no domínio público e levantam-se desacordos entre a comunidade científica. Isso foi exemplificado pelo desafio de gerir Didier Raoult e a sua personalidade dominante durante a pandemia da doença por coronavírus 2019. Além disso, os cientistas são suscetíveis a influências não-científicas, conduzindo à potencial corrupção de processos científicos.

**KC:** Qual é a razão do aumento cada vez mais visível do fenómeno narcisista no mundo académico?

**BL:** Alguns peritos propuseram a noção de um aumento de narcisismo na nossa sociedade, e nesse caso, poderá também haver um aumento de narcisismo na ciência, tal como em política, desportos e arte. O aumento do individualismo e da razão instrumental (ou seja, “as tendências de usar o outro como instrumento para nós mesmos” ou de “objetivar” a nossa vida), podem ser uma consequência da modernidade, de acordo com o filósofo Charles Taylor. Tal como ele, acredito que uma diminuição na sincronização societal, associada com um declínio na religiosidade, explica em grande medida este aumento do individualismo. Isso mostra o outro lado da modernidade. Fico fascinado pela forma como a erosão de ideais transcendentais, que surgem de críticas dentro do âmbito científico (ou, digamos, de uma perspetiva particular em relação à ciência), completou agora um ciclo, impactando a própria ciência. A ciência necessita de alguns ideais para sobreviver, como a devoção à verdade ou à justiça, mas pode facilmente ser corrompida quando esses ideais são negados. Como podemos ver atualmente, a ciência só pode prosperar numa sociedade que não esteja demasiado corrompida.

**KC:** O que deve esperar um jovem cientista quando o seu currículo é avaliado por um narcisista?

**BL:** Os narcisistas são mais sensíveis ao lado prestigioso do trabalho na ciência, como trabalhar numa universidade prestigiosa ou publicar em revistas troféu. Vêm a ciência como uma coleção de avanços e podem ser menos sensíveis à solidez e profundidade do trabalho.

**KC:** Este narcisista sentir-se-ia desconfortável ao avaliar um currículo científico que outros facilmente considerariam ser melhor do que o dele/dela?

**BL:** Havia uma tradição entre professores Franceses (chamados Mandarins) que trabalhavam numa universidade provincial, em que evitavam recrutar colaboradores “demasiado espertos” que poderiam roubar o espetáculo, preferindo estar rodeados por cientistas dependentes. Difamar cientistas excelentes é, também, outra atitude para proteger a autoestima. Sendo motivados por motivos egocêntricos, também podem recrutar cientistas que lhes possam trazer benefícios.

**KC:** Estes narcisistas têm tendência a pensar que os seus resultados e área de trabalho são melhores do que os de outros?

**BL:** Sim, os narcisistas têm tendência a exagerar e sobrestimar o impacto dos seus próprios feitos. É por isso que a presença de narcisistas, que são excelentes em *networking*, é importante para impulsionar uma área de investigação, que é um dos aspetos positivos do narcisismo. Os políticos e os jornalistas são mais sensíveis a essa dimensão narcisista. O narcisismo na vida, tal como no amor, está associado à sedução a curto prazo. Os narcisistas são melhores a vender-se a curto prazo, mas, muitas vezes, falham em manter relações a longo prazo. Logo, são bons a comercializar os seus projetos com grandes promessas para conseguirem os fundos que querem.

**KC:** A autoanálise é possível para o cientista narcisista?

**BL:** Estudos feitos em psicologia sugerem que os traços de personalidade são estáveis ao longo do tempo e difíceis de mudar. Um problema com os narcisistas é que, geralmente, não estão dispostos a mudar. Porque haveriam de o fazer, visto que se consideram mais inteligentes do que os outros? De facto, geralmente eles sofrem menos com a sua personalidade do que quem os rodeia.

É provável que os narcisistas não sejam completamente cegos acerca de si próprios e que possam ter conhecimento acerca dos traços negativos da sua personalidade, por exemplo, descrevendo-se a si próprios como sendo arrogantes e compreendendo que a impressão positiva que causam nos outros se deteriora com o tempo. No entanto, esta autoanálise pode não ser possível para os tipos mais autoilusórios de narcisismo.

**KC:** Até que ponto está um cientista narcisista disposto a ir para atingir os seus objetivos?

**BL:** Um ponto positivo dos narcisistas é que desejam ter sucesso e, geralmente, podem esforçar-se mais para obter sucesso, notavelmente em situações de reconhecimento público. Logo, os cientistas com maior narcisismo podem ficar particularmente enérgicos quando obtêm reconhecimento. Isso pode explicar, em parte, o seu sucesso ou, pelo menos, a sua visibilidade. Por vezes, alguns narcisistas podem ultrapassar os limites, por exemplo, ao publicar resultados tendenciosos ou exagerados que promovem as suas carreiras.

**KC:** O que tem mais impacto na carreira de um investigador: uma rede de amigos que ocupam posições de topo e conexões com editores, ou os seus feitos científicos?

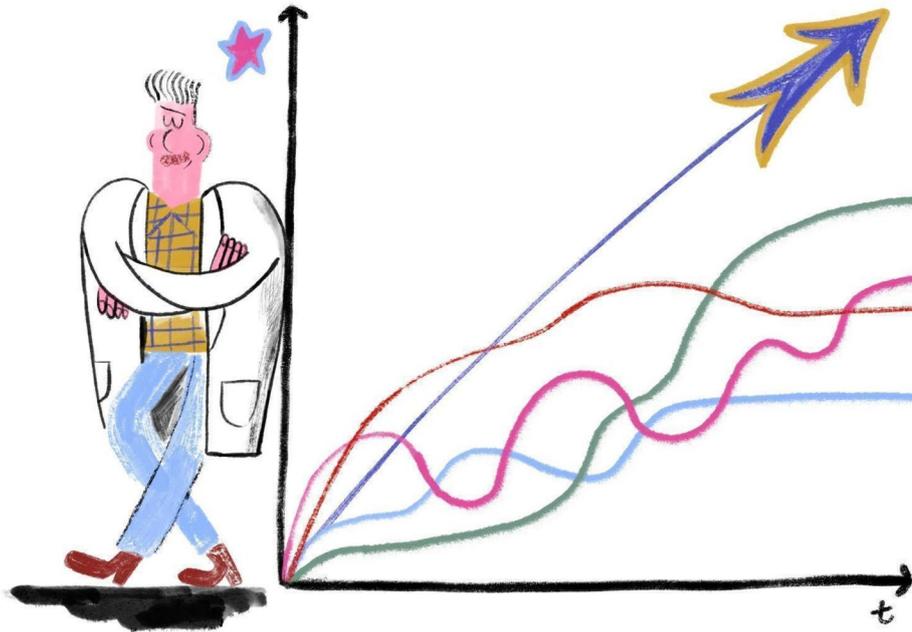
**BL:** Uma boa rede de amigos que ocupam posições de topo e acesso especial a editores ajudam para ser publicado em revistas de topo, que irão ultimamente atrair estudantes excelentes e apoio financeiro... e essa é uma boa situação onde estar para dominar uma área. No entanto, não devemos esquecer-nos de que inteligência, trabalho árduo, motivação e oportunidade são ingredientes-chave para ter sucesso na ciência, e continuam a ser os mais importantes.

Enquanto mantenho algumas críticas acerca de certos aspetos da ciência atual, pretendo evitar exagerar a influência do narcisismo. Muitos cientistas fazem o seu melhor para manter o sistema a funcionar. O facto é que a ciência se tornou altamente competitiva, o que pode ter favorecido as pessoas que são boas a vender-se a si mesmas.

**KC:** Considera que o sistema atual de publicações e avaliação proporciona um terreno fértil para práticas narcisistas?

**BL:** Tal como na nossa sociedade, existe um foco atual no impacto a curto prazo. Os cientistas guiados pela sua própria personalidade, mas também editoras e agências de financiamento, estão mais interessados em grandes histórias que impressionam a curto prazo, do que conhecimento profundo. Pessoalmente, sou mais sensível a abordagens passo-a-passo e, por vezes, ao trabalho descritivo que estabelece a base do campo de trabalho. No entanto, esse tipo de abordagem é difícil de vender. Por exemplo, as bolsas *European Research Council* procuram investigação inovadora e apoiam de alguma forma uma abordagem narcisista da ciência. Existe toda uma terminologia acerca destes incentivos (por exemplo, “ciência de fronteira”, “tecnologia disruptiva”, “aspetos não convencionais”, “balanço de alto-risco/alto-ganho”). Mas novidades ou descobertas não podem ser previstas e são simplesmente o fruto de boa investigação por cientistas devotos. O que deveria ser reconhecido é um certo modo de fazer “boa” ciência que pode eventualmente levar à descoberta.

**Figura 2**  
Rockstar



Fonte: Catarina Sobral©.

**KC:** Qual é a relação entre o nepotismo e o narcisismo no mundo acadêmico?

**BL:** O nepotismo é uma estratégia de poder que consiste em promover amigos, familiares próximos e, por vezes, esposos, que conduz a subir na hierarquia. É de notar que os narcisistas o fazem de forma natural, uma vez que tendem a usar outros como estratégia para subir na hierarquia. Eles tendem a valorizar o “amigo útil”, e não a relação amigável por si só. Num recrutamento, tendem a favorecer colegas que podem trazer-lhes benefícios. O ponto chave é entender que este não é necessariamente um comportamento consciente, mas uma consequência do traço de personalidade que distorce a sua visão do mundo.

**KC:** Que conselho daria aos estudantes de doutoramento e pós-docs que trabalham sob a orientação de um professor narcisista?

**BL:** No livro, discuto conselhos para indivíduos que trabalham com professores narcisistas. A melhor opção para um estudante nessa situação seria a de se tornar o *protégé* e entrar na estratégia de auto-aprimoramento do professor, mas é mais provável que essa estratégia funcione para os alunos que têm muito sucesso. Outro ponto importante é o de se distanciar e tornar-se estratégico na relação. Uma boa estratégia para o estudante seria tomar notas muito precisas do que o estudante faz e manter um registo de tempo de conversas. Isso ajudá-lo-á a

detetar inconsistências e também a garantir que ele estava certo. Idealmente, ele deveria também ter amigos de confiança no instituto com quem pudesse ser natural e reforçar o seu ponto de vista. Aprender a gerir colegas com um carácter forte também pode ser considerado útil. Compreender a influência do narcisismo numa equipa pode ser útil a longo prazo e para eventualmente escapar de um ambiente tóxico.

**KC:** Acredito que, hoje em dia, um jovem investigador que é vítima da personalidade egocêntrica de um professor tem poucas opções para expor esse abuso. Sinto que houve uma adaptação crescente do sistema, no que diz respeito à exposição de incidentes que desrespeitam os direitos humanos. No entanto, no que toca a vítimas de narcisismo, o sistema permanece defeituoso e não há uma forma clara de expor esse delito. Estou errado?

**BL:** Ao longo dos anos, progredimos no sentido de limitar certos comportamentos ligados ao narcisismo que eram prevalentes no passado, como o assédio sexual. Permanece difícil criticar um professor que traz bastante visibilidade e dinheiro para a sua instituição. Algumas acusações contra professores podem também ser excessivas ou injustificadas. Mas consigo ver progresso, ou pelo menos uma maior consciencialização de comportamentos tóxicos no mundo académico. Agora, devemos estar cientes de que os narcisistas apresentam uma tendência para aparecerem enquanto vítima, provavelmente como uma proteção da autoestima. São bons a assumir a postura de vítima e frequentemente acusam o sistema... Logo, muito esforço e tempo são requeridos para lidar com estas situações delicadas e conflituosas na universidade. O preço para a comunidade é muito grande e geralmente acaba em mais regulamentações, o que, em geral, também não é benéfico.

**KC:** No seu livro sobre ciência e narcisismo, escreveu “Na ciência, muitas injustiças não são reparadas. Infelizmente, é assim que funciona o sistema em geral” (Lemaitre, 2020, p. 237). Espera uma mudança no futuro próximo?

**BL:** Talvez eu tenha sido muito negativo na altura, mas é verdade que vi muitos jovens cientistas a acabarem esgotados por um professor ou por um ambiente tóxico, deixando a área com desilusão. Fui, talvez, demasiado sensível ao sofrimento deles. Em geral, existem problemas, mas a ciência não é dos piores lugares onde estar. Não vejo muita exploração dos estudantes que me rodeiam. É necessário ser forte para fazer ciência e aceitar críticas saudáveis.

**KC:** Qual é o preço a pagar por ser um cientista moderno com um sentido de ética altamente desenvolvido?

**BL:** Talvez a luta resida na falta de reconhecimento e no desafio de garantir bolsas que exijam competências adequadas de autopromoção. No entanto, é importante notar que, dentro de uma comunidade, os cientistas são geralmente adeptos a reconhecerem excelência. O problema tende a acontecer entre comunidades, uma vez que os narcisistas, muitas vezes, se destacam fora da sua área, mas os especialistas conseguem discernir a realidade por trás da fachada.

**KC:** Devemos sempre esperar uma dose de ficção ao ler a biografia de um cientista?

**BL:** Creio que houve uma tendência para descrever grandes cientistas como figuras heróicas no passado, talvez inconscientemente, para impulsionar a ciência. Atualmente, parece haver cada vez menos casos desse género. Alguns biógrafos preferem revelar o carácter de cientistas conhecidos e, por vezes, a sua estratégia para chegar ao topo. Numa carreira em ciência, o momento crítico é quando se sobe na hierarquia numa idade jovem – enquanto estudante de doutorado, pós-doc e jovem investigador principal. Este é o momento competitivo, onde apenas alguns sobrevivem. Uma vez subida a hierarquia, a melhor estratégia é a de ser um cientista modesto. Então, claramente, os cientistas mudam ao longo dos anos, ficam mais simpáticos à medida que envelhecem.

Um exemplo de mitologização é *eureka*, que relaciona o momento de descoberta de uma maneira mítica, ver o meu *website* para lista de *Eureka* (Lemaitre, 2024). Logo, existe uma tendência para reinterpretar as realizações científicas do passado, a fim de posicionar melhor as nossas contribuições atuais. É crucial reconhecer a variedade de fatores que impulsionam o progresso científico, reconhecendo o conceito de descobertas coletivas para honrar a contribuição da comunidade. No entanto, continuo a acreditar que precisamos de modelos e, na minha experiência, encontrei cientistas excepcionais à minha volta, muitas vezes menos reconhecidos, que foram uma fonte de inspiração.

**KC:** Pode nomear alguns cientistas cujas biografias salientam a personalidade narcisista?

**BL:** A biografia de Niels Jerne por Thomas Söderqvist (2003) descreve muito bem um cientista com um carácter narcisista forte. É de notar que o biógrafo termina por odiar o seu sujeito... Agora, é importante realçar que há aspetos positivos do narcisismo na ciência, uma vez que esta personalidade pode aumentar a paixão (busca pelo sucesso), originalidade (esforçar-se para ser único ou diferente), e as conexões (*networking*).

**KC:** Se uma figura narcisista altamente influente apoia uma afirmação falsa sobre um investigador, a comunidade científica pode facilmente aceitar essa afirmação

como sendo genuína, trazendo consequências devastadoras para o investigador. Por outro lado, se alguém declarar publicamente uma verdade conhecida acerca desse narcisista, a comunidade irá sair em sua defesa, mesmo que essa verdade possa trazer repercussões positivas na comunidade. Como explicaria este fenómeno num ambiente que deveria ser mais racional?

**BL:** A ciência é um empreendimento humano, e os cientistas são afetados pelos preconceitos humanos, embora possam estar mais conscientes desses preconceitos. Uma declaração feita por um cientista autoconfiante irá provavelmente ter mais impacto, uma vez que a autoconfiança é geralmente entendida pelos humanos como competência. Esse caso poderia desempenhar um papel negativo na busca da ciência, ao promover afirmações erradas. Como um colega me disse um dia, “Na ciência, encontramos dois tipos de problemas: pessoas que não são competentes, ou charlatões e grandes vendedores que exageram nas suas afirmações”. É necessário passar algum tempo e ter experiência numa área para avaliar a profundidade de um artigo e não existe uma regra fixa para determinar o que é boa ciência. Como Polanyi afirmou, a prática da ciência assemelha-se mais a uma arte ou uma habilidade e assenta em avaliação tácita.

**KC:** Qual é o preço a pagar para fazer frente a um narcisista poderoso e à sua influência corrupta?

**BL:** Um primeiro ponto é que, antes de lhe fazer frente, há que se assegurar que as críticas são suportadas por outros colaboradores e por factos precisos. Os estudantes também podem estar errados! Mas, infelizmente, se for esse o caso, criticar alguém poderoso pode, muitas vezes, ser custoso, porque um cientista assim traz muito à sua instituição, e está geralmente rodeado de amigos. De certa forma, criticar um professor injusto pode trazer repercussões à instituição e aos seus colaboradores. Mas as universidades desenvolveram ferramentas, apoios e comités que permitem um certo nível de controlo.

**KC:** No seu livro, elegeu Alexandre Grothendieck (Lemaitre, 2020, p. 161-164) para ilustrar a relação complexa entre personalidade e feitos científicos. Enquanto matemático, pergunto-me o que motivou essa decisão.

**BL:** Devido às restrições da disciplina, talvez não seja esperado ver muitos narcisistas em matemática. É provavelmente mais difícil mentir nessa área, que é altamente restrita. Grothendieck é interessante pela sua criatividade e pela sua visibilidade (“um génio”). Poderíamos fazer a ligação entre as suas múltiplas e instáveis relações amorosas (cinco filhos de três mulheres diferentes), a sua vida caótica (que seguia uma estratégia *fast-life*), ou a sua infância difícil, uma vez que foi abandonado pelos seus pais, que eram anarquistas. Como isso está relacionado com uma forma de narcisismo vulnerável é uma questão em aberto. A

questão é que o narcisismo transparece no domínio romântico, estando associado a vários comportamentos que incluem sexualidade compulsiva, oportunismo, jogos e atração por celebridades, parceiros promotores de carreiras ou um cônjuge troféu (Trump, Chaplin, Sarkozy, Neals Jerne...). Esse é geralmente o conceito de amor exibido por celebridades na televisão, e por artistas e cantores. Usei Grothendieck para ilustrar esta ligação entre trauma na infância e uma vida um tanto instável.

**KC:** Um jornalista espanhol, Manuel Ansedo, desvendou há pouco tempo uma fraude onde instituições árabes pagaram a cientistas espanhóis para afirmarem falsamente que estavam afiliados com elas, para aumentar o seu prestígio (Ansedo, 2023a). Um matemático espanhol atuou durante vários anos como intermediário da Universidade Rey Abdulaziz, na Arábia Saudita, e ganhou comissões sempre que conseguiu convencer cientistas espanhóis a mentir e declarar que tinham trabalhado na instituição saudita (Ansedo, 2023b). Como pensa que este tipo de prática conseguiu sobreviver durante anos nas universidades? Porque é que alguns têm a tendência de proteger líderes corruptos?

**BL:** Não conheço essa história. A pressão intensa para ter sucesso e emergir no mundo competitivo da ciência atual cria vários problemas, notavelmente em novas instituições/universidades, como a multiplicação de artigos ou autorias falsas. Sempre que tal acontece, o sistema é subvertido. O problema do narcisismo pouco saudável é que destrói a confiança, que é tão crítica na ciência. Uma tentação é criar novas regulamentações para controlar esses comportamentos, mas resultam no aumento de burocratização. Assim, todos suportamos um custo: o que anteriormente funcionava naturalmente numa comunidade, agora exige uma regulamentação complexa.

**KC:** Acredita, como menciona no seu livro, que o pico atual de narcisismo poderá ser apenas transitório ou poderá prefigurar uma mudança social positiva?

**BL:** A questão de um aumento de narcisismo na nossa sociedade atual e na ciência é difícil. Pensando em todos aqueles professores do passado, não estou certo se eram melhores do que os de agora. O que é claro é que somos mais sensíveis a este aspeto e, de alguma forma, o aumento de comunicação e exposição mediática proporcionou oportunidades para indivíduos com elevadas capacidades de comunicação. Ao mesmo tempo, somos menos ingênuos hoje. Mas não devemos perder os nossos ideais e tornar-nos cínicos. Há muitos grandes cientistas a fazer um excelente trabalho. No que diz respeito ao aumento de narcisismo na nossa sociedade, uma questão em aberto é se necessitamos de um choque, de um desastre forte como uma guerra para destruir o individualismo... ou talvez de uma revolução espiritual, ou apenas de esperança por tempos melhores.

## Referências

- Ansede, M. (2023a, abril 18). Arabia Saudí paga a científicos españoles para hacer trampas en el 'ranking' de las mejores universidades del mundo. *El País*. <https://elpais.com/ciencia/2023-04-18/arabia-saudi-paga-a-cientificos-espanoles-para-hacer-trampas-en-el-ranking-de-las-mejores-universidades-del-mundo.html>
- Ansede, M. (2023b, abril 20). Un catedrático capta con su empresa tapadera a científicos españoles para que mientan y digan que trabajan en una universidad saudí. *El País*. <https://elpais.com/ciencia/2023-04-20/un-catedratico-capta-con-su-empresa-tapadera-a-cientificos-espanoles-para-que-mientan-y-digan-que-trabajan-en-una-universidad-saudi.html>
- Lemaitre, B., & Nicolas, E., & Michaut, L., & Reichhart, J. M., & Hoffmann, J. A. (1996). *The dorsoventral regulatory gene cassette spätzle/Toll/cactus controls the potent antifungal response in Drosophila adults*. *Cell*, 86(6), 973-983. [https://doi.org/10.1016/S0092-8674\(00\)80172-5](https://doi.org/10.1016/S0092-8674(00)80172-5)
- Lemaitre, B. (2020). *An Essay on Science and Narcissism: How do high-ego personalities drive research?* EPFL Press. <https://www.epflpress.org/produit/974/9782839918411/an-essay-on-science-and-narcissism>
- Lemaitre, B. (2022). *Michael Polanyi: Le scientifique qui voulait réenchanter le monde*, EPFL Press. <https://www.epflpress.org/produit/1406/9782889155026/michael-polanyi>
- Lemaitre, B. (2024). *A list of Eureka or other related illumination moments*, Bruno Lemaitre personal homepage. <http://brunolemaitre.ch/history-of-science/discoveries-in-science/>
- Söderqvist, T. (2003). *Science as Autobiography: The Troubled Life of Niels Jern*. Yale University Press. <https://www.jstor.org/stable/j.ctt1npg0c>

## Sobre o autor

### Kenier Castillo

Universidade de Coimbra, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0003-4803-8182>

Doutor em Matemática pela Universidad Carlos III de Madrid (2012), com Prémio Extraordinário de Doutoramento. Investigador Auxiliar FCT no Centro de Matemática da Universidade de Coimbra. Coordenador do Grupo Português de Funções Especiais, Polinómios Ortogonais e Aplicações. E-mail: [kenier@mat.uc.pt](mailto:kenier@mat.uc.pt)

**Linhas Críticas** | Periódico científico da Faculdade de Educação da  
Universidade de Brasília, Brasil  
ISSN eletrônico: 1981-0431 | ISSN: 1516-4896  
<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas>



**Referência completa (APA):** Castillo, K. (2024). Narcisismo na comunidade científica: entrevista com Bruno Lemaitre. *Linhas Críticas*, 30, e53916. <https://doi.org/10.26512/lc30202453916>

**Referência completa (ABNT):** CASTILLO, K. Narcisismo na comunidade científica: entrevista com Bruno Lemaitre. *Linhas Críticas*, 30, e53916, 2024. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc30202453916>



**Link alternativo:** <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/53916>

Todas as informações e opiniões deste manuscrito são de responsabilidade exclusiva do(s) seu(s) autores, não representando, necessariamente, a opinião da revista *Linhas Críticas*, de seus editores, ou da Universidade de Brasília.

Os autores são os detentores dos direitos autorais deste manuscrito, com o direito de primeira publicação reservado à revista *Linhas Críticas*, que o distribui em acesso aberto sob os termos e condições da licença Creative Commons Attribution (CC BY 4.0): <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>